



## **UMA TEOLOGIA QUE NÃO NASCEU SOZINHA: A INTERDISCIPLINARIDADE COMO CONDIÇÃO HISTÓRICA DA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA<sup>1</sup>**

### ***A THEOLOGY THAT DID NOT EMERGE ALONE: INTERDISCIPLINARITY AS A HISTORICAL CONDITION OF LATIN AMERICAN THEOLOGY***

**Fabiano Pedroso<sup>2</sup>**  
**Valério Guilherme Schaper<sup>3</sup>**  
**Charles Klemz<sup>4</sup>**

#### **Resumo:**

A Teologia Latino-Americana da Libertação é frequentemente descrita como concreta e histórica em razão de seu método - a práxis como ato primeiro - e de seu contexto - a opressão estrutural dos povos latino-americanos. Este artigo propõe uma chave interpretativa complementar: a interdisciplinaridade como condição histórica e metodológica dessa concretude. A tese central é que a TLA surgiu em um ambiente intelectual marcado pelo diálogo entre teólogos, filósofos, economistas, sociólogos e educadores que buscavam compreender os efeitos do colonialismo e do imperialismo na vida dos povos latino-americanos. Por meio de análise histórico-intelectual de caráter reconstrutivo, o artigo demonstra que essa convergência estava presente desde os primórdios, foi sistematizada metodologicamente por meio do conceito de mediação socioanalítica e se aprofundou na geração seguinte com a crítica à idolatria do mercado. Embora a relação entre TLA e ciências sociais seja tema consolidado na literatura, especialmente a partir da obra de Clodovis Boff sobre as mediações teológicas, ainda são poucos os estudos que examinam a interdisciplinaridade como característica presente desde a formação do movimento. Conclui-se que a relação da TLA com a realidade histórica está ligada ao próprio processo de formação do movimento, marcado pela atuação conjunta de diferentes áreas do conhecimento diante de problemas que ultrapassavam os limites de uma única disciplina.

**Palavras-chave:** Teologia da Libertação; Interdisciplinaridade; Mediação socioanalítica; História intelectual; América Latina.

#### **Abstract:**

Latin American Liberation Theology is often described as concrete and historical because of its method - praxis as the first act - and its context - the structural oppression of Latin American peoples. This article proposes a complementary interpretive key: interdisciplinarity as a historical and methodological condition of that concreteness. Its central thesis is that Liberation Theology emerged within an intellectual environment shaped by dialogue among

---

<sup>1</sup> Enviado em: 21.11.2025. Aceito em: 28.05.2026.

<sup>2</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades EST. Contato: fabiano.pedroso@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Teologia pelas faculdades EST. Contato: valerio@est.edu.br.

<sup>4</sup> Doutor em Teologia pelas faculdades EST. Contato: charles@est.edu.br.

theologians, philosophers, economists, sociologists, and educators seeking to understand the effects of colonialism and imperialism on the lives of Latin American peoples. Through a reconstructive historical-intellectual analysis, the article demonstrates that this convergence was present from the movement's earliest stages, was methodologically systematized through the concept of socio-analytical mediation, and was further developed by the following generation through its critique of the idolatry of the market. Although the relationship between Liberation Theology and the social sciences is a well-established topic in the literature, especially since Clodovis Boff's work on theological mediations, few studies have examined interdisciplinarity as a constitutive feature present from the movement's very formation. The article concludes that Liberation Theology's engagement with historical reality is intrinsically linked to its own formative process, which was marked by the collaborative work of different fields of knowledge in addressing problems that exceeded the boundaries of any single discipline.

**Keywords:** Liberation Theology; Interdisciplinarity; Socio-analytical mediation; Intellectual history; Latin America.

## Introdução

A Teologia Latino-Americana da Libertação ocupa um lugar singular na história do pensamento cristão. Desde o final dos anos 1960, ela desafiou categorias estabelecidas, reorganizou prioridades pastorais e produziu uma reflexão teológica marcada por um traço que se tornou sua característica mais reconhecível: a insistência na concretude histórica. Para a TLA, a fé não é exercício especulativo desvinculado do mundo, é reflexão que nasce da práxis e a ela retorna. Como formulou Gustavo Gutiérrez, “a teologia vem depois, é ato segundo” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 18). O compromisso com os pobres e com a transformação das estruturas de opressão antecede a elaboração teológica e lhe confere substância.

Essa caracterização explica aspectos importantes do movimento, mas não esgota a questão. A explicação habitual da concretude da TLA recorre a dois argumentos que se complementam: o contexto — a opressão estrutural dos povos latino-americanos, resultado de séculos de colonialismo e imperialismo — e o método — a inversão metodológica pela qual a práxis histórica se torna o ponto de partida da reflexão teológica, não sua aplicação. Ambos os argumentos são válidos e estão consolidados na literatura. A relação entre TLA e ciências sociais também é um tema amplamente trabalhado, especialmente a partir da sistematização das mediações teológicas por Clodovis Boff (1978; 1986) e de estudos históricos sobre a origem do movimento. Permanece menos investigado o papel

desempenhado pela interdisciplinaridade no ambiente intelectual que antecedeu uma sistematização da TLA.

Este artigo propõe que a TLA é concreta e histórica não apenas porque foi uma decisão metodológica, mas porque emergiu no interior de um ambiente intelectual já interdisciplinar. Teólogos, filósofos, economistas, sociólogos e educadores concentraram-se, desde os anos 1950, em torno de um problema comum representado pelos efeitos históricos do colonialismo e do imperialismo na vida dos povos latino-americanos e reconheceram, cada um a partir de sua disciplina, a insuficiência de qualquer área isolada para enfrentá-lo. A TLA surgiu em um contexto no qual diferentes áreas do conhecimento já compartilhavam diagnósticos e preocupações semelhantes. Como observou Moreira (2014, p. 17), “a teologia latino-americana da libertação nasce, portanto, internacional, interdisciplinar e ecumênica.”

Entende-se por interdisciplinaridade, neste artigo, a integração metodológica entre disciplinas na qual conceitos e instrumentos de diferentes áreas são incorporados e transformados pelo contato mútuo, produzindo uma reflexão que nenhuma disciplina isolada poderia gerar. Essa definição se distingue da multidisciplinaridade — simples coexistência de áreas sem integração metodológica — e da transdisciplinaridade — superação das fronteiras disciplinares em direção a uma unidade. A TLA operou predominantemente no primeiro nível, com momentos pontuais de avanço em direção ao segundo em autores como Dussel e Hinkelammert. Villas Boas (2018) identificou esse perfil interdisciplinar como característica estrutural da teologia latino-americana, resultado de um processo histórico que não se compreende sem considerar os contextos de produção do conhecimento teológico no continente. Importa registrar que a categoria de interdisciplinaridade aqui aplicada é analítica, isto é, trata-se de uma reconstrução do historiador e não necessariamente de uma autocompreensão dos próprios protagonistas, que nem sempre se identificavam sob esse rótulo.

A demonstração do argumento percorre três movimentos. O primeiro reconstrói o ambiente intelectual fundador do movimento: as trajetórias de Camilo Torres e Richard Shaull, os circuitos institucionais do ISAL e do CMI, e os movimentos eclesiais de base mostram que a convergência interdisciplinar estava operando antes de qualquer sistematização acadêmica. Antes de ser teologia, o movimento foi, nas palavras de Baptista,

[...] práxis libertadora, nascida ecumenicamente, em grupos e movimentos de libertação como o Movimento de Educação de Base, a Ação Católica Especializada, a União Cristã dos Estudantes do Brasil, a FUMEC (protestante), as Comunidades Eclesiais de Base, e diversos outros movimentos (BAPTISTA, 2016, p. 493).

O segundo movimento examina como a interdisciplinaridade foi sistematizada metodologicamente e o que ela tornou possível ver: a mediação socioanalítica permitiu à TLA identificar causas estruturais da opressão que a teologia sozinha não conseguia definir. O terceiro movimento mapeia a conjunto de saberes que se formou em torno do problema histórico comum, com atenção tanto às convergências quanto às tensões internas que a tornam historicamente mais significativa do que qualquer consenso externo poderia ser.

Galilea descreveu com precisão o gesto que está no centro deste argumento:

outra diferença significativa entre a teologia da libertação e as outras escolas está no seu recurso às ciências sociais, como auxiliares, incluindo uma certa análise da realidade latino-americana. [...] As ciências sociais, como auxiliares da teologia neste caso, são seu ponto de apoio e como que uma “matéria-prima” (GALILEA, 1978, p. 8).

Este artigo sustenta o mesmo entendimento largamente atestado na literatura especializada que o recurso às ciências sociais passou a integrar o próprio método da TLA, pois oferecia instrumentos para interpretar a realidade histórica na qual a ação de Deus era reconhecida.

O artigo adota a análise histórico-intelectual de caráter reconstrutivo como principal procedimento metodológico. As discussões teóricas e epistemológicas são mobilizadas para interpretar o material histórico e compreender a relação entre interdisciplinaridade e concretude na TLA. O corpus reúne obras de teólogos, filósofos, economistas e sociólogos que participaram ou dialogaram diretamente com o movimento, além de estudos posteriores dedicados à reconstrução de sua trajetória histórica e de seus desdobramentos.

### **Um ambiente intelectual já interdisciplinar: a geração fundadora (1950–1968)**

A narrativa mais difundida sobre as origens da Teologia Latino-Americana da Libertação costuma associá-las à Conferência de Medellín (1968) e à publicação de Teología de la Liberación, de Gustavo Gutiérrez, em 1971. Essa narrativa identifica corretamente o momento de consolidação e de sistematização acadêmica do movimento. Ainda assim, ela oferece menos atenção ao ambiente intelectual e institucional que precedeu esses acontecimentos. Antes da publicação da obra de Gutiérrez e da Conferência de Medellín, sacerdotes, pastores, sociólogos, educadores e leigos já

compartilhavam espaços de reflexão, linguagens comuns e preocupações semelhantes. A pobreza estrutural, a dependência econômica e os legados do colonialismo constituíam problemas recorrentes em diferentes campos do conhecimento e favoreciam a aproximação entre atores que buscavam interpretar a realidade latino-americana e responder a seus desafios.

Rocha e Oliveira, retomando Löwy, escrevem sobre esse momento com precisão: a TLA

é, ao mesmo tempo, reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis. [...] Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores (LÖWY, 2000 *apud* ROCHA; OLIVEIRA, 2016, p. 621).

O movimento que daria origem à TLA como reflexão acadêmica começou a tomar forma no início da década de 1960, antes da publicação de suas principais obras teológicas. Tratava-se de uma rede de práticas, instituições e interlocuções já em funcionamento. A interdisciplinaridade observada nesse período surgiu do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento diante de problemas históricos compartilhados, e sua formulação metodológica viria apenas posteriormente.

Dois casos da geração fundadora ajudam a compreender esse processo. O primeiro é Camilo Torres Restrepo (1929–1966), sacerdote católico e sociólogo colombiano formado em Lovaina. Sua atuação reunia formação religiosa e investigação sociológica em uma mesma trajetória intelectual. “Como sociólogo, buscou que esse amor fosse mais lúcido e eficaz; a análise da sociedade colombiana o conduziu paulatinamente à necessidade da revolução para alcançar o bem-estar da maioria dos colombianos”<sup>5</sup> (TORRES, 1970, p. 11, tradução nossa). Em 1961, quando a Faculdade de Sociologia da Universidade Nacional da Colômbia — da qual participou como fundador — passou a ser alvo de críticas da imprensa conservadora, Camilo Torres respondeu: “[...] em um mundo que está colocando em jogo sua própria existência no campo social, encontramos escritores que não compreendem a necessidade de uma Faculdade de Sociologia”<sup>6</sup> (TORRES, 1970,

<sup>5</sup> “Como sociólogo buscó que ese amor fuese más lúcido y eficaz; el análisis de la sociedad colombiana lo condujo paulatinamente a la necesidad de la revolución para alcanzar el bienestar de las mayorías colombianas.”

<sup>6</sup> “[...] en un mundo que está jugándose su existencia misma en el terreno de lo social, encontramos escritores que no entienden la necesidad de una Facultad de Sociología.”

p. 152, tradução nossa). Torres morreu em combate em fevereiro de 1966, dois anos antes de Medellín e cinco anos antes da publicação de *Teología de la Liberación*. Sua trajetória mostra que a articulação entre análise social e compromisso cristão já fazia parte das experiências que antecederam a consolidação acadêmica da TLA.

O segundo caso é Richard Shaull (1919–2002), missionário presbiteriano norte-americano que atuou no Brasil entre 1952 e 1962 e lecionou no Seminário Presbiteriano de Campinas. No contexto protestante, Shaull desenvolveu uma reflexão que aproximava fé cristã, transformação social e análise das estruturas políticas. Em *O Cristianismo e a Revolução Social*, publicado em 1953, argumentava que as decisões fundamentais sobre a vida humana eram tomadas em “grandes concentrações de poder” e que a responsabilidade cristã exigia compreender e transformar essas estruturas (SHAULL, 1953, p. 77).

A comparação entre os dois casos é reveladora. Um sacerdote católico colombiano e um missionário protestante atuando no Brasil percorreram trajetórias distintas, mas responderam a questões semelhantes relacionadas à pobreza, à desigualdade e às transformações sociais do continente. Essa convergência sugere que o diálogo entre diferentes campos do conhecimento já se desenvolvia antes de qualquer formulação metodológica comum.<sup>7</sup>

A presença protestante nesse ambiente intelectual também revela o caráter ecumênico da formação da TLA. O ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina) constituiu um dos principais espaços de encontro entre reflexão teológica, análise social e participação política no campo protestante. Essas iniciativas precederam a sistematização metodológica posterior da TLA e contribuíram para a circulação de ideias, experiências e diagnósticos comuns. Como observa Baptista, antes de se consolidar como produção teológica acadêmica, o movimento surgiu como:

práxis libertadora, nascida ecumenicamente, em grupos e movimentos de libertação como o Movimento de Educação de Base, a Ação Católica Especializada (JUC, JEC e JOC), a União Cristã dos Estudantes do Brasil, a FUMEC (protestante), as Comunidades Eclesiais de Base, e diversos outros movimentos (BAPTISTA, 2016, p. 493).

Católicos e protestantes, teólogos e leigos, pastores e militantes políticos participavam de muitos dos mesmos espaços de formação e articulação, como o Conselho

---

<sup>7</sup> Shaull também exerceu influência decisiva sobre Rubem Alves e participou da formação dos primeiros espaços de encontro entre protestantismo, pensamento crítico e responsabilidade histórica no Brasil.

Mundial de Igrejas (CMI), os seminários ecumênicos e as iniciativas de educação popular, muito antes da existência de convergências teológicas formais.

É também neste contexto que Paulo Freire inicia o desenvolvimento de sua proposta de alfabetização de adultos (as famosas “40 horas de Angicos”, no interior do Rio Grande do Norte, iniciada em 28 de Janeiro de 1963) que desaguará em sua pedagogia do oprimido em diálogo. O Movimento de Educação de Base (MEB)<sup>8</sup>, que tinha “como base a pedagogia de Paulo Freire”, buscava “não só alfabetizar os pobres, mas também conscientizá-los e ajudá-los a se tornarem agentes de sua própria história” (LÖWY, 2016 *apud* COELHO; MALAFATTI, 2021, p. 13). Embora não integrasse diretamente o movimento teológico, Freire elaborava categorias como práxis, conscientização, opressão e diálogo que também circulavam entre os teólogos da libertação. Coelho e Malafatti observam que “o pensamento pedagógico de Paulo Freire era uma expressão da luta do movimento de cristianismo de libertação, pela libertação do pobre e contra as causas de sua vitimação” (COELHO; MALAFATTI, 2021, p. 13). A aproximação entre essas linguagens revela a convergência no enfrentamento dos mesmos problemas e formas semelhantes de compreender a transformação histórica da realidade latino-americana.

Destes poucos exemplos depreende-se que havia um ambiente social marcado pela colaboração entre diferentes áreas do conhecimento. A teologia participava de um debate mais amplo sobre os desafios históricos da América Latina e dialogava com interpretações produzidas por outros campos de saber. Problemas como pobreza, dependência e exclusão social exigiam abordagens que ultrapassassem os limites de uma única disciplina. O teólogo Segundo Galilea identifica neste ambiente uma das matrizes da TLA:

parte do fato do compromisso cristão pela libertação dos pobres e explorados — ou práxis libertadora dos cristãos. [...] Tudo isso é parte significativa da vida da Igreja na América Latina; portanto, é um “lugar teológico”, ou base para uma elaboração teológica (GALILEA, 1978, p. 11).

Nesse contexto, questões teológicas, sociológicas, pedagógicas, políticas e econômicas apareciam fortemente articuladas. Cobrava um peso particular nestas reflexões o esforço de articular a pobreza, enquanto motor das desigualdades sociais, e as

---

<sup>8</sup> O MEB era um organismo da Conferência dos Bispos do Brasil, criada em 1961 para educação de jovens, adultos e idosos. Até 1962 usava cartilhas tradicionais para alfabetização. A partir de 1963, com a propagação das ideias pioneiras de Freire em Angicos, acolhe suas ideias e o seu método de alfabetização.

relações regionais de dependência econômica entre as nações, estimulando a integração de profundas análises sociológicas. Neste sentido, o teólogo Jung Mo Sung observa que uma das novidades da teologia da libertação consistiu precisamente na incorporação das ciências sociais ao ponto de partida da reflexão teológica, particularmente a famosa “teoria da dependência” já nas primeiras obras da teologia da libertação (SUNG, 1994, p. 92).

Vale ressaltar que economistas, sociólogos e cientistas políticos já vinham produzindo interpretações sobre as estruturas de dependência econômica e seus efeitos na América Latina no âmbito da CEPAL.<sup>9</sup> Os teólogos da libertação passaram a dialogar com esse conjunto de análises e incorporaram parte de seus diagnósticos à reflexão teológica. Rocha e Oliveira registram que entre os elementos teóricos constitutivos destas análises havia o “uso do marxismo como instrumento socioanalítico a fim de entender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas da luta de classes” (LÖWY, 2000 *apud* ROCHA; OLIVEIRA, 2016, p. 627).

Para encerrar, deve-se destacar ainda o caráter ecumênico desse ambiente intelectual. Protestantes e católicos, acadêmicos e militantes leigos, teólogos e educadores participavam e interagiam nestes espaços comuns de debate e ação social. Essa convivência ampliou a circulação de ideias e favoreceu o contato entre diferentes tradições intelectuais e eclesiais. Nas décadas de 1950 e 1960, católicos e protestantes passaram a compartilhar diagnósticos semelhantes sobre os problemas sociais do continente e participaram de iniciativas comuns voltadas à transformação da realidade latino-americana.

### **A mediação socioanalítica: o que a interdisciplinaridade permitiu ver**

O ambiente interdisciplinar descrito na seção anterior passou a integrar explicitamente o método da TLA. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, teólogos da libertação procuraram justificar teoricamente o diálogo com as ciências sociais e incorporá-lo à construção da reflexão teológica. A análise da realidade histórica tornou-se parte do

---

<sup>9</sup> Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) é uma das cinco comissões regionais da Organização das Nações Unidas (ONU). Criada em 1948, e sediada em Santiago do Chile, tem o objetivo de promover o desenvolvimento econômico, social e sustentável na região por meio de pesquisas, formulação de políticas públicas e cooperação internacional. Propôs, nas décadas de 50 e 60, um projeto desenvolvimentista para a região e, diante das dificuldades deste processo, desenvolver a concepção de que as relações entre países centrais e periféricos eram determinadas por dinâmicas de dependência econômica.

próprio processo de elaboração teológica, pois a compreensão da experiência dos pobres tornou-se parte metodológica indispensável da interpretação da fé cristã.

A expressão mais conhecida dessa formulação foi o conceito de mediação socioanalítica. “A mediação sócio-analítica olha para o lado do mundo do oprimido. Procura entender por que o oprimido é oprimido” (BOFF; BOFF, 2001, p. 44). Em *Como Fazer Teologia da Libertação*, Boff e Boff definiram três mediações: “mediação sócio-analítica, mediação hermenêutica e mediação prática. Diz-se ‘mediações’ porque representam meios ou instrumentos de construção teológica” (BOFF; BOFF, 2001, p. 44). A mediação socioanalítica ocupa o primeiro momento desse caminho e introduz as contribuições das ciências sociais na investigação teológica. O processo começa pela análise das condições concretas de vida dos pobres e das causas da opressão antes de avançar para sua interpretação à luz da fé. Por isso, “o teólogo precisa se perguntar mais na base o que é a opressão real e quais são as suas causas. Na verdade, o conhecimento de Deus não substitui nem elimina o conhecimento do mundo real” (BOFF; BOFF, 2001, p. 45).

A incorporação das ciências sociais ampliou o alcance da reflexão teológica sobre a pobreza e a exclusão. A tradição cristã já dispunha de categorias como pecado, graça, salvação e esperança para interpretar o sofrimento humano. O diálogo com a sociologia, a economia e outras áreas do conhecimento acrescentou instrumentos voltados à análise das condições históricas que produziam pobreza, dependência e marginalização. Questões relacionadas às estruturas econômicas, às desigualdades sociais e aos processos de exclusão passaram a integrar de modo mais sistemático a reflexão teológica. Nesse contexto, a pobreza deixou de ser interpretada predominantemente como problema individual ou fatalidade histórica e passou a ser relacionada a processos sociais identificáveis e passíveis de transformação. Essa mudança ampliou o campo de investigação da teologia e aproximou sua reflexão das condições concretas vividas pelos pobres. Boff sintetiza esse horizonte ao afirmar que “a TLA pressupõe um protesto enérgico ante a situação que significa: no nível social, opressão coletiva, exclusão e marginalização; no nível humanístico, injustiça e negação da dignidade humana; no nível religioso, pecado social” (BOFF; BOFF, 2001, p. 14). A categoria de pecado social expressava essa aproximação entre análise histórica e reflexão teológica ao relacionar responsabilidade moral e estruturas sociais mais amplas.

A própria TLA procurou delimitar o papel atribuído às ciências sociais nesse processo. Galileia observou que elas funcionam como “matéria-prima” da reflexão teológica, e não como seu princípio determinante (GALILEA, 1978, p. 9). Os dados produzidos pela análise social são incorporados ao trabalho teológico, mas não substituem suas formas de interpretação. Dessa forma, a teologia preserva sua identidade disciplinar enquanto utiliza instrumentos desenvolvidos por outros campos do conhecimento para compreender a realidade histórica.

A formulação metodológica da TLA desenvolveu-se em diálogo com debates já presentes nas ciências sociais latino-americanas. Como observa Souza, “a teologia da libertação constituiu-se como uma interpretação teológica das ciências do social, especificamente condicional à teoria da dependência” (SOUZA, 2015, p. 9). Nesse contexto, a contribuição de Cardoso e Faletto ocupou lugar relevante. Ao defenderem uma “análise integrada que forneça elementos para dar resposta de forma mais ampla e matizada às questões gerais sobre as possibilidades do desenvolvimento ou estagnação dos países latino-americanos” (CARDOSO; FALETTO, 1975, p. 15), ofereciam instrumentos para compreender processos históricos que também preocupavam os teólogos da libertação. As interpretações produzidas pela teoria da dependência passaram, assim, a integrar a leitura teológica da realidade social desenvolvida pela TLA. Sung confirma que a aproximação com as ciências sociais respondeu à necessidade de relacionar experiência de fé e compreensão da realidade histórica:

é diante do descompasso entre essa cosmovisão e a experiência concreta da comunidade cristã comprometida com a transformação da sociedade que gerou a necessidade de criar uma nova linguagem teológica que fosse capaz de assimilar e utilizar-se das ciências sociais (SUNG, 1994, p. 95).

D’Ans descreve essa transformação em termos da relação entre conhecimento e prática social. Segundo o autor,

o sujeito cognoscente intervém na práxis: transforma o real em termos históricos concretos. Não há mais, simplesmente, um “sujeito teórico” e/ou um “sujeito prático” mas um sujeito teórico-prático e prático-teórico (D’ANS, 1978, p. 409).

O mesmo autor relaciona essa mudança à incorporação da teoria da dependência pela TLA:

a TL vai mais longe que a TEP,<sup>10</sup> depois que adotou, a partir de 1964, a teoria da dupla dependência que provoca uma ruptura epistemológica ao nível das ciências

---

<sup>10</sup> TEP (Teologia Europeia Progressista) é a expressão utilizada por D’Ans para designar correntes teológicas europeias que influenciaram os primeiros desenvolvimentos da Teologia da Libertação. Entre seus principais interlocutores estão autores como Jürgen Moltmann e Johann Baptist Metz. Segundo o autor, a

sociais, com a introdução do binômio dominante/dominado. [...] Há, pois, uma nova ruptura epistemológica com a TEP e uma dupla ruptura epistemológica com a TC (D'ANS, 1978, p. 409).

A incorporação da teoria da dependência envolveu uma revisão significativa dos referenciais anteriormente utilizados e o reconhecimento de que parte das categorias teológicas herdadas já não oferecia respostas adequadas para interpretar os desafios históricos enfrentados pelas sociedades latino-americanas.

A articulação entre teologia e análise econômica alcançou uma de suas formulações mais desenvolvidas na obra de Hugo Assmann e Franz Hinkelammert. Em *A Idolatria do Mercado*, publicada em 1989, os autores argumentam que os entrelaçamentos entre economia e teologia “têm consequências bastante sérias para a maneira de encarar e enfrentar muitos problemas humanos”, e que o propósito de sua análise é “eminentemente prático: a luta em favor da vida humana real e concreta” (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 11). Nessa interpretação, o mercado capitalista não é compreendido apenas por suas funções econômicas. Os autores examinam também os processos simbólicos que lhe conferem legitimidade social, aproximando-os de formas religiosas de crença, sacralização e promessa de salvação. Como afirmam, “o mercado foi transformado em uma divindade a cuja sabedoria devemos nos entregar. [...] Existem ídolos, solidamente estabelecidos, que exigem sacrifícios de vidas humanas” (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 9-10). A crítica dessa dinâmica mobiliza simultaneamente categorias econômicas e teológicas, integradas em uma mesma interpretação da realidade social.

Hinkelammert desenvolve essa reflexão em termos filosóficos. Sua preocupação dirige-se aos critérios que orientam a racionalidade econômica moderna e às consequências humanas produzidas por eles. Segundo o autor, os fins humanos “são os veículos da vida do Sujeito, que nem sequer pode perseguir fins sem a realização de seu projeto de vida” (HINKELAMMERT, 1988, p. 265). A vida humana concreta constitui, assim, o horizonte normativo a partir do qual são avaliadas instituições econômicas, decisões políticas e projetos sociais. É nesse ponto que a reflexão teológica e a crítica econômica encontram um terreno comum de diálogo, orientado pela preocupação com as condições de preservação e desenvolvimento da vida humana.

---

Teologia da Libertação posteriormente se diferenciou desse referencial ao incorporar a teoria da dependência e voltar sua reflexão para a realidade histórica latino-americana.

Jung Mo Sung representa, nesse caminho, a ponte entre a geração de Assmann e Hinkelammert e o debate contemporâneo. Coelho, Andrade e Moretti descrevem sua obra como de um

importante teórico do pensamento crítico latino-americano, articulando de maneira interdisciplinar — quando não de forma transdisciplinar — elementos da economia, da política e da educação para a crítica teológica de um sistema social injusto que produz vítimas (COELHO; ANDRADE; MORETTI, 2023, p. 3).

A articulação entre teologia e análise econômica decorre da lógica inaugurada pela mediação socioanalítica. Quando o mercado passa a influenciar não apenas a organização da vida econômica, mas também formas de percepção e interpretação da realidade, sua análise torna-se relevante para a reflexão teológica. Sung observa que “a lógica da economia de mercado se tornou o modo de pensar ‘natural’ nos dias de hoje, até mesmo para pensar a religião” (SUNG, 2014, p. 290). Por essa razão, o diálogo entre teologia e economia permanece presente em debates contemporâneos relacionados à pobreza, à desigualdade e às condições de vida das populações mais vulneráveis.

## **O conjunto de saberes: convergências e tensões**

### ***As frentes disciplinares***

O ambiente intelectual descrito na Seção 1 e a sistematização metodológica analisada na Seção 2 favoreceram, nas décadas seguintes, a formação de uma rede de autores atuantes em diferentes campos do conhecimento. Filósofos, economistas, sociólogos, pedagogos e teólogos contribuíram com instrumentos analíticos distintos para interpretar problemas relacionados à pobreza, à dependência e às diversas formas de exclusão presentes na história latino-americana. Apesar das diferenças teóricas e institucionais, esses autores compartilhavam a percepção de que tais problemas não poderiam ser compreendidos adequadamente a partir de uma única disciplina.

Enrique Dussel representa a vertente filosófica desse conjunto. Sua Filosofia da Libertação foi escrita, em suas próprias palavras, “da periferia para homens da periferia”, dirigindo-se “contudo também ao homem do centro, como filho alienado que protesta contra o pai que vai ficando velho” (DUSSEL, 1980, p. 7). Um dos aspectos centrais de sua reflexão consiste em questionar a pretensão de universalidade frequentemente atribuída à tradição filosófica europeia, mostrando seu vínculo com condições históricas específicas. A categoria de exterioridade — que Dussel considera “a categoria mais importante, enquanto

tal, da filosofia da libertação” (DUSSEL, 1980, p. 45) — permite interpretar experiências e perspectivas frequentemente ausentes dos modelos produzidos a partir dos centros de poder. Em diálogo com preocupações também presentes na teoria da dependência, Dussel argumenta que a posição ocupada pelos grupos marginalizados oferece acesso a dimensões da realidade que tendem a permanecer pouco visíveis em interpretações formuladas exclusivamente a partir das experiências dos grupos dominantes. Sua contribuição para o debate interdisciplinar da TLA situa-se nesse plano epistemológico: a localização histórica e social do sujeito influencia a produção do conhecimento e os aspectos da realidade que se tornam perceptíveis.

Leonardo Boff representou a frente eclesiológica. Seu ponto de partida foi o contato da fé com os problemas sócio analíticos que

fez descobrir a estes cristãos campos novos de realização da mensagem cristã e da teologia. [...] não se trata mais de reflectir apenas sobre aqueles campos teóricos já definidos como teológicos [...] mas de reconstituir e resgatar o campo teológico de dentro de temáticas consideradas profanas, como o económico, o político, o ideológico, a luta de classes (BOFF, 1980, p. 7).

Para Boff, a reflexão sobre a Igreja precisava considerar as condições históricas e sociais em que as comunidades cristãs viviam. A Igreja latino-americana estava inserida em contextos marcados por dependência econômica, pobreza e exploração, e a compreensão dessa realidade exigia diálogo com os instrumentos oferecidos pelas ciências sociais. Nesse sentido, Boff afirma que “a teologia da libertação optou por aquele tipo de análise do subdesenvolvimento, denominador comum de nossos países, como sistema de dependência dos centros imperiais” (BOFF, 1980, p. 34). Essa interpretação fornecia elementos para compreender situações que também ocupavam lugar central na experiência pastoral e na reflexão teológica desenvolvidas no continente.

Gutiérrez representa a frente da teologia sistemática e hermenêutica. Sua contribuição específica foi a categoria do lugar teológico: os pobres não são objeto da caridade cristã, são sujeitos históricos a partir de cujo ponto de vista o Evangelho se torna legível.

Proclamar esse amor libertador em uma sociedade marcada pela injustiça e exploração de uma classe social por outra representa converter esse ‘fazer-se história’ em algo interpelante e conflitivo. É tomando o partido do pobre, das classes populares, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas, que podemos fazer de Deus uma verdade no seio de uma sociedade em que as classes sociais se confrontam” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 32).

A afirmação possui implicações epistemológicas importantes para a compreensão do conhecimento teológico. Ela diz que a verdade de Deus se torna visível a partir de um lugar histórico específico, e que a teologia que se recusa a habitar esse lugar perde algo essencial de seu objeto.

A frente da esperança e da linguagem coube a Rubem Alves. Sua contribuição ao movimento foi inaugurar, no contexto protestante brasileiro, a reflexão sobre a libertação como categoria filosófica e teológica ao mesmo tempo. Para Alves, “as alternativas ‘esperança sem história e história sem esperança’ são igualmente abomináveis, pois significam ser a libertação humana impossível” (ALVES, 1987, p. 153). Para Alves, a esperança mantém relação direta com a possibilidade de transformação da realidade histórica e com os projetos humanos de libertação. “O projeto de libertação humana [...] não teria sentido, já que a linguagem da libertação humana somente se mostra significativa ao se referir a um projeto que nasce da história e que nela é possível” (ALVES, 1987, p. 154). Alves articulou o vínculo entre linguagem, esperança e práxis histórica num vocabulário que não era exclusivamente teológico nem exclusivamente filosófico, mas necessariamente as duas coisas ao mesmo tempo.

Juan Luis Segundo representou a frente epistemológica. Sua contribuição foi demonstrar que toda reflexão teológica é inevitavelmente situada, que a aparência de neutralidade é ela própria uma posição histórica.

As reflexões feitas até agora estão, apesar de todas as aparências, situadas no tempo e no espaço. Por mais que não se tenha feito nelas nenhuma menção explícita da América Latina no terceiro quartel do século XX (SEGUNDO, 1983, p. 250).

A TLA compreendeu a situação histórica como elemento constitutivo da reflexão teológica. Em contextos de pobreza, exclusão e opressão, a análise da realidade social tornou-se parte indispensável do processo de elaboração teológica. Segundo expressa essa percepção ao afirmar que “descobrimos a nossas próprias expensas a espessura da realidade. Entramos em choque com a complexidade que nos espera quando queremos ingenuamente pôr a realidade ao serviço dos nossos valores” (SEGUNDO, 1983, p. 264). O reconhecimento dessa complexidade favoreceu a incorporação de instrumentos analíticos provenientes das ciências sociais e de outras áreas do conhecimento, ampliando os recursos disponíveis para a interpretação teológica da realidade latino-americana.

Bonino desenvolveu a dimensão ecumênica e política protestante. Sua análise das estruturas de poder a partir da fé cristã mostrou que as

categorias marxistas ofereciam aos sociólogos do Terceiro Mundo um marco categorial de estudo aberto ao dinamismo da história e uma perspectiva projetiva da atividade humana. Sua compreensão conflitiva da realidade correspondia melhor à situação. Neste sentido, eram mais objetivas do que uma ciência supostamente neutra, mas de fato entregue — consciente ou inconscientemente — à preservação do status quo (BONINO, 1987, p. 41).

Bonino não era ingênuo quanto às limitações do marxismo como instrumento, mas reconhecia que rejeitá-lo em nome de uma pretensa objetividade liberal era também uma escolha política, e menos honesta do que admitir que toda análise social parte de algum lugar.

Galilea, por fim, representou a frente pastoral e espiritual, a voz que traduzia todos esses instrumentos analíticos em espiritualidade viva para as comunidades de base. Sua presença no conjunto é necessária precisamente porque sem ela a TLA correria o risco de se tornar um sistema intelectual sem raízes pastorais. Apesar das diferenças teóricas e disciplinares entre seus autores, Galilea observou que “há atualmente várias correntes e acentos, mas entre elas são maiores os consensos, as coincidências e convergências” (GALILEA, 1978, p. 5).

### ***As tensões internas***

O conjunto descrito acima reunia autores com trajetórias, interesses e pressupostos distintos. Divergências metodológicas, eclesiológicas, políticas e espirituais faziam parte do movimento e aparecem com frequência em seus debates internos. Essas diferenças não impedem a identificação de elementos compartilhados; ao contrário, ajudam a compreender o alcance das convergências observadas. Apesar das discordâncias, autores provenientes de campos disciplinares diversos recorreram a formas semelhantes de diálogo entre teologia e outros saberes para interpretar problemas relacionados à pobreza, à dependência e à exclusão social. Essa recorrência sugere que a interdisciplinaridade não resultou apenas de afinidades intelectuais entre determinados autores, mas também das características dos problemas históricos enfrentados pela TLA. A permanência desse diálogo ao longo de diferentes correntes e gerações do movimento indica a relevância que ele adquiriu para a elaboração de suas análises teológicas.

A primeira tensão estrutural foi entre as tradições católica e protestante. Bonino descreveu como o protestantismo havia sido recebido nas elites liberais latino-americanas como “a religião da cultura, da atividade e do dinamismo, em oposição ao ritualismo [...] e ao mundo futuro” (BONINO, 1987, p. 23), ou seja, como aliado do modernismo contra o catolicismo tradicional. Quando protestantes e católicos começaram a convergir em torno da mesma crítica ao capitalismo e do mesmo compromisso com os pobres, estavam superando uma oposição histórica secular. Essa superação não foi pacífica nem completa. As diferenças eclesiológicas permaneceram sobre o papel da hierarquia, sobre os sacramentos, sobre a relação entre salvação individual e transformação social. Havia também diferenças de ênfase teológica: protestantes tendiam a valorizar mais a dimensão escatológica e a autonomia da consciência individual; católicos acentuavam mais a mediação eclesial e o papel das CEBs como coletivo relevante. Mas a convergência em torno do diagnóstico histórico, a opressão estrutural como problema teológico, foi suficientemente forte para sustentar o diálogo ecumênico mesmo onde as posições divergiam.

A segunda tensão era interna ao próprio catolicismo, entre a corrente mais analítico-estrutural e a corrente mais pastoral e espiritual. Galilea registrou explicitamente a distinção entre

a teologia da libertação propriamente dita, que se inscreve numa preocupação de fé e evangelização [...] E existe a reflexão de cristãos sobre a libertação, num nível mais ideológico, sócio-político, pedagógico ou estratégico (GALILEA, 1978, p. 5).

A fronteira entre as duas não era sempre clara, e a confusão entre elas gerou boa parte das críticas externas ao movimento. Galilea representava a posição que insistia no primado da fé e da espiritualidade, e que via com reserva os excessos analíticos de algumas correntes. Segundo e Assmann representavam posições mais dispostas a radicalizar a mediação analítica, chegando a afirmar que a análise social não era apenas instrumento, mas parte essencial do próprio ato teológico. Essa tensão nunca foi plenamente resolvida, e foi nela que as críticas de Ratzinger encontraram terreno mais fértil, ao identificar correntes específicas como problemáticas sem distingui-las adequadamente do conjunto do movimento.

A terceira tensão era sobre o uso do marxismo. Sung identifica que no uso da mediação socioanalítica “é conhecida a polêmica que ocorreu, e ainda ocorre, em torno do uso do marxismo pela teologia”, e que “o marxismo esteve na base da ruptura

epistemológica no conceito de conhecimento” (SUNG, 1994, p. 95). A questão nunca foi simplesmente se usar ou não usar Marx, mas, sim, como usá-lo, em que medida e com que ressalvas. Algumas correntes, especialmente o Assmann dos primeiros anos, radicalizaram a mediação marxista. Bonino sintetizou a posição mais madura do campo:

a sociologia latino-americana mais significativa rejeita ao mesmo tempo todo marxismo dogmático e a ortodoxia ideológica. A estrutura de classes, por exemplo, precisa ser estudada de acordo com as realidades que se dão numa sociedade dependente, ao passo que os clássicos marxistas viram-na como surgia nos países norte-atlânticos (BONINO, 1987, p. 41).

O marxismo era instrumento analítico útil, mas insuficiente sem a necessária adaptação às especificidades históricas da América Latina. A maioria dos autores do conjunto chegou, em momentos diferentes, a essa mesma conclusão.

Essas tensões mostram que a interdisciplinaridade da TLA foi construída em meio a debates permanentes entre perspectivas distintas. Os autores compartilhavam diagnósticos semelhantes sobre a presença de formas estruturais de opressão na sociedade latino-americana, mas frequentemente divergiam quanto às categorias analíticas empregadas, ao papel das ciências sociais e aos caminhos propostos para a transformação dessa realidade. A convivência entre convergências e divergências tornou-se uma característica recorrente do movimento. Gutiérrez formulou com precisão o equilíbrio que o campo buscava: “a teologia como reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra não só não substitui as demais funções da teologia como sabedoria e saber racional, mas ainda as supõe e necessita” (GUTIÉRREZ, 1986, p. 23). A crítica desenvolvida pela TLA ocorreu em diálogo com tradições teológicas já existentes e frequentemente resultou em novas interpretações dessas heranças. As tensões produzidas por esse processo acompanharam diferentes correntes do movimento e influenciaram a forma como seus autores responderam aos desafios históricos da América Latina. Parte da diversidade e da capacidade de renovação da TLA está relacionada a esse diálogo contínuo entre tradição, reflexão crítica e experiência histórica.

## **Considerações finais**

As seções anteriores mostraram que a concretude histórica da Teologia Latino-Americana da Libertação pode ser compreendida a partir de diferentes fatores articulados entre si. A centralidade da práxis e o contexto de pobreza, dependência e exclusão em que o movimento se desenvolveu são elementos fundamentais dessa explicação. A análise

realizada neste artigo acrescentou outro aspecto a esse quadro: a formação da TLA em um ambiente intelectual caracterizado pelo diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, sua posterior incorporação dessa abertura ao método teológico e a participação contínua de autores provenientes de campos disciplinares diversos na elaboração de suas principais interpretações da realidade latino-americana.

A demonstração foi desenvolvida em três etapas. A primeira identificou, na geração fundadora das décadas de 1950 e 1960, a presença de figuras como Camilo Torres e Richard Shaull, além de espaços institucionais como a ISAL, o Conselho Mundial de Igrejas e iniciativas de educação popular que reuniam agentes de diferentes áreas de atuação. Nesse contexto, a colaboração entre teologia, sociologia, educação e reflexão política já fazia parte das práticas que antecederam a consolidação acadêmica do movimento. A segunda etapa mostrou como essa aproximação foi incorporada ao método da TLA por meio da mediação socioanalítica e de outras formulações que passaram a utilizar instrumentos produzidos pelas ciências sociais na interpretação da realidade histórica. Esse diálogo contribuiu para o desenvolvimento de categorias como pecado social, dependência econômica e luta de classes no interior da reflexão teológica. A terceira etapa examinou o conjunto de autores e perspectivas que participaram desse processo e destacou a coexistência de convergências e divergências em torno de problemas históricos comuns à todos. As diferenças entre correntes, tradições confessionais e opções metodológicas não impediram o diálogo interdisciplinar, que permaneceu presente em diferentes momentos da trajetória do movimento.

A permanência dessas questões ajuda a compreender a atualidade dos debates iniciados pela TLA. Gutiérrez formulou esse problema ao perguntar: “tem sentido continuar fazendo teologia em um mundo de miséria e opressão? [...] quando os pobres ‘morrem antes do tempo’, tem sentido a reflexão sobre o Reino do Deus vivo” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 140). A resposta desenvolvida pela TLA relacionou reflexão teológica e análise da realidade histórica. A interpretação do Reino de Deus era acompanhada pelo esforço de compreender as condições econômicas, sociais e políticas que produziam pobreza e exclusão. Nesse contexto, o diálogo com as ciências sociais passou a integrar o método teológico como instrumento de investigação da realidade.

Moreira observou que “as teologias da libertação são um projeto em aberto”, e que em seus primeiros decênios o movimento “levou a teoria acadêmica a mudar sua

compreensão do fenômeno religioso, mudou a cara da própria religião, revelou formas de Cristianismo que não se julgavam possíveis” (MOREIRA, 2014, p. 34-35). A abertura interdisciplinar participou desse processo ao ampliar os recursos analíticos disponíveis para a reflexão teológica. O movimento incorporou contribuições provenientes da sociologia, da economia, da filosofia, da pedagogia e de outras áreas do conhecimento na interpretação da realidade latino-americana. A articulação entre essas perspectivas tornou-se uma característica da TLA e continua presente em debates contemporâneos sobre pobreza, desigualdade e exclusão social.

Na compreensão dos autores da TLA, o diálogo com as ciências sociais estava diretamente relacionado à interpretação da realidade histórica dos pobres. Diversos representantes do movimento sustentaram que categorias produzidas pela sociologia, pela economia e por outras áreas do conhecimento ampliavam a capacidade da reflexão teológica de compreender processos sociais associados à pobreza, à dependência e à exclusão. Essa posição foi frequentemente fundamentada em categorias centrais da tradição cristã, entre elas a encarnação, entendida como expressão do envolvimento de Deus com a história humana concreta. Nesse quadro teórico, a análise das condições históricas de vida das populações empobrecidas passou a integrar o próprio método da reflexão teológica.

Muitas das questões que mobilizaram a TLA permanecem presentes na América Latina contemporânea. Desigualdades persistentes, dependência econômica e diferentes formas de herança colonial continuam ocupando lugar importante nos debates sociais e acadêmicos da região. O percurso reconstruído neste artigo sugere que a interdisciplinaridade desempenhou papel relevante na formação da TLA, em sua elaboração metodológica e em boa parte de sua produção intelectual posterior. O diálogo entre teologia e outros campos do conhecimento constituiu um dos elementos mais característicos dessa tradição e contribuiu para a forma como ela interpretou os desafios históricos da sociedade latino-americana.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. **Da Esperança**. Campinas: Papirus, 1987.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. **A idolatria do mercado**: ensaio sobre economia e teologia. Petrópolis: Vozes, 1989.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Pensamento decolonial, teologias pós-coloniais e teologia da libertação. **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 491, 2016. DOI: 10.20911/21768757v48n3p491/2016. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3700>. Acesso em: 13 nov. 2025.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BONINO, José Míguez. **A fé em busca de eficácia**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

COELHO, Allan da Silva; MALAFATTI, Fernanda . Paulo Freire e o cristianismo da libertação: contribuição do conceito de visão social de mundo. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1–16, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16638.029. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16638>. Acesso em: 13 nov. 2026.

SILVA COELHO, Allan; MARTINEZ ANDRADE, Luis; ZANINI MORETTI, Cheron. Pensamento crítico na defesa das vítimas: a obra interdisciplinar de Jung Mo Sung. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v. 23, n. 1, 2025. DOI: 10.18224/cam.v23i1.15151. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/15151>. Acesso em: 13 nov. 2025.

D'ANS, Hugues. Teologia da Libertação e Libertação da Teologia. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 38, n. 151, p. 402–445, 1978. DOI: 10.29386/reb.v38i151.3911. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3911>. Acesso em: 13 nov. 2025.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola/Unimep, 1980.

GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. São Paulo: Paulinas, 1978.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HINKELAMMERT, Franz J. **Crítica à razão utópica**. São Paulo: Paulinas, 1988.

MOREIRA, Alberto da Silva. Religião politizada contra violência institucionalizada: a Teologia da Libertação no imaginário religioso mundial. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 12-42, 2014. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2014v12n33p12. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n33p12>. Acesso em: 13 nov. 2025.

ROCHA, Alessandro Rodrigues; OLIVEIRA, Wesley Mello. Cristianismo de Libertação e Teologia da Libertação. Inspiração evangélica e pensamento marxista na gênese de um capítulo da teologia latino-americana. **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 26, n. 4, p. 620–633, 2016. DOI: 10.18224/frag.v26i4.5046. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/5046>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SEGUNDO, Juan Luis. **Fé e Ideologia**, vol. II. São Paulo: Loyola, 1983.

SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.

SOUZA, Ezequiel de. **Entre a dependência e a libertação**: mudanças epistemológicas na teologia latino-americana a partir da apropriação da teoria da dependência pela teologia da libertação. 2015. 252 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

SUNG, Jung Mo. **Teologia e Economia**: repensando a teologia da libertação e utopias. Petrópolis: Vozes, 1994.